

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
13 de agosto de 2022

MY FAIR LADY / 1964

(*Minha Linda Lady*)

um filme de George Cukor

Realização: George Cukor / **Argumento:** Alan Jay Lerner, baseado no libreto que escreveu para a peça musical homónima, em adaptação da peça de Bernard Shaw "Pygmalion" / **Fotografia:** Harry Stradling / **Direcção Artística:** Gene Allen / **Concepção dos Décors e Guarda-Roupa:** Cecil Beaton / **Décors:** George James Hopkins / **Guarda-Roupa:** Cecil Beaton / **Música:** Frederick Loewe / **Direcção Musical:** André Prévin / **Orquestração:** Alexander Courage, Robert Frankyn e All Woodbury / **Arranjos Vocais:** Robert Tucker / **Canções:** "Why Can't the English Learn to Speak?", "Wouldn't it be Lovely?", "With a Little Bit of Luck", "I'm an Ordinary Man", "Just You Wait 'Enry 'Iggins", "The Rain in Spain", "Ascot Gavotte", "On the Street Where You Live", "I Could Have Dance All Night", "You Did It", "Show Me", "Get Me to the Church on Time", "A Hymn to Him", "Without You", "I've Grown Accustomed to Her Face", músicas de Frederik Loewe, letras de Alan Jay Lerner / **Coreografia:** Hermes Pan / **Som:** Francis J. Scheid e Murray Spirack / **Montagem:** William Ziegler / **Interpretação:** Audrey Hepburn (Eliza Doolittle), Rex Harrison (Henry Higgins), Stanley Holloway (Alfred P. Doolittle), Wilfrid Hyde-White (Coronel Hugh Pickering), Gladys Cooper (Mrs. Higgins), Jeremy Brett (Freddy Eynsford-Hill), Theodore Bikel (Zoltan Karpathy), Isobel Elson, (Mrs. Eynsford-Hill), Mona Washbourne (Mrs. Pearce, a governanta), John Holland (o mordomo), Lily Kemble-Cooper (a embaixatriz), Baronesa Rothschild (a rainha da Transilvânia), Charles Fredericks (o Rei), etc.

Produção: Jack L. Warner para a Warner Brothers / **Cópia:** dcp, Technicolor, Super Panavision, legendado em português, 173 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 21 de Outubro de 1964 / **Estreia em Portugal:** Monumental, 4 de Dezembro de 1964 / **Reposição comercial:** Monumental, a 7 de Setembro de 1965.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

George Bernard Shaw (1856-1950) estreou a peça **Pygmalion** ("*a romance in five acts*", como a subintitulou) em 1914, a poucos meses do início da primeira guerra mundial. A ideia básica (de que a primeira canção do filme –

"Why Can't the English Learn to Speak?" logo se faz eco) era, dentro do humor característico de Shaw, a de que "*it is impossible for an Englishman to open his mouth without making some other Englishman despise him*". Correlativa a essa, outra ideia-base característica da fase socialista de Shaw e da sua ligação ao movimento fabiano: a de que as diferenças fonéticas eram uma base fundamental da divisão de classes e era voluntariamente mantida e sustentada pela classe dominante "que não ensinara os ingleses a falar". Ensinado, qualquer homem ou mulher do povo podia passar por um "lord" ou por uma "lady". E Shaw cita em apoio dessa metamorfose o caso do teatro: qualquer filha dum porteiro pode, "*se adquirir uma nova língua*", fazer de Rainha de Espanha no teatro. Expresso no título, havia ainda o velho mito pigmaleónico: a paixão do criador pelo objecto da sua criação, com a revolta de Eliza Doolittle em ser, precisamente, tratada como um objecto, ou como a estátua do mito grego.

A peça foi um êxito monstro, com múltiplas reposições a seguir à guerra e nos anos 20 e 30. Em 1938, o próprio Shaw colaborou estreitamente na primeira versão cinematográfica da peça, co-realizada por Anthony Asquith e Leslie Howard, com este último no papel de Higgins e Wendy Hiller como Eliza Doolittle. O filme (que nada tinha que ver com um musical), foi, nas vésperas da segunda guerra mundial, êxito tão grande quanto a peça o fora nas vésperas da primeira.

Para as comemorações do centenário do nascimento de Shaw (1956), Alan Jay Lerner e Frederick Loewe (autores de peças musicais tão conhecidas como "Brigadoon", "Paint Your Wagon" ou "Camelot" – todas transpostas, depois, para o cinema) receberam a encomenda de transformar **Pygmalion** num "musical" anunciado com o título "Lady Liza", depois convertido em **My Fair Lady** (da letra de uma canção de embalar: "London Bridge is Falling Down/My Fair Lady"). Rex Harrison e Stanley Holloway criaram os personagens de Higgins e Alfred Doolittle, enquanto Eliza marcou a apoteótica consagração da então desconhecida Julie Andrews. A peça estreou-se em Londres em Março de 1956, numa produção de Oliver Smith e o acolhimento do público ultrapassou todas as expectativas, tanto aí, como, depois, na Broadway. Só em Nova Iorque, a peça teve 2 717 representações, mantendo-se cerca de seis anos em cena.

Em 1961, a Warner comprou os direitos para a adaptação cinematográfica, em que se começou a trabalhar logo que a peça saiu dos palcos. Harrison e Holloway foram imediatamente contratados para repetir as sua famosas criações, mas Jack L. Warner recusou-se (numa opção muito polémica e muito criticada) a manter Julie Andrews, temendo-se duma imagem que o cinema ainda não divulgara. Em vez dela, escolheu Audrey Hepburn, à época no auge da carreira. O que mais se lhe censurou foi que Audrey Hepburn, ao contrário dos outros actores, não sabia cantar e teve que ser dobrada por Marni Nixon. Disse-se que esta afectou as árias, dando-lhes um estilo à Jeanette MacDonald. Gary Carey escreveria que *"a música de Frederick Loewe não é tão sacrossanta que precise desta espécie de tratamento sagrado, de opereta. Se Harrison consegue cantar as suas canções em recitativos americanizados, não há nenhuma razão para que Hepburn não cantasse as dela na sua própria, humana e vulnerável voz"* (Marni Nixon era uma cantora bastante conhecida e já tinha dobrado, antes, Deborah Kerr em **The King And I** e Natalie Wood em **West Side Story**).

Nomeado para 14 oscars, **My Fair Lady** ganhou 8: melhor filme, melhor realização, melhor actor (Rex Harrison), melhor fotografia (Stradling), melhor som, melhor direcção artística e décors, melhor guarda-roupa e melhor partitura musical adaptada. Curiosamente, dos actores principais, foram nomeados, além de Harrison (premiado), Stanley Holloway e Gladys Cooper, mas não os que hoje nos parecem mais notáveis: Audrey Hepburn e Wilfrid Hyde-White, o assombroso Coronel Pickering. E o oscar feminino desse ano foi para a actriz preterida, Julie Andrews, por causa de **Mary Poppins...** Quanto a Audrey Hepburn, nem uma nomeação teve.

George Cukor chamado a realizar o filme quando todas as questões de "cast" já estavam resolvidas (só teve que arbitrar uma hipótese deixada em aberto de confiar o papel de Higgins a Cary Grant que rejeitou porque *"Cary's English was not impeccable enough for him to play a speech expert"*) foi o obreiro fundamental da transformação duma *"glorious musical play"* num *"glorious musical film"*. E, finalmente, o cineasta, dos maiores que Hollywood alguma vez teve, obteve o oscar para que já tinha sido designado antes, quatro vezes, sem sucesso: em **Little Women** (33), **Philadelphia Story** (40), **A Double Life** (47) e **Born Yesterday** (50). Das muitas peripécias que rodearam as filmagens, só valerá a pena reter as que persistentemente o opuseram a Cecil Beaton (Sir Cecil Beaton, se dobrar a língua, como convém) no que diz respeito à "production design" e ao guarda-roupa. Beaton (celebérrimo nome, como fotógrafo e decorador) já havia assinado a peça e o esplendor dos seus fatos e concepção (no palco) tinham contribuído poderosamente para o êxito da peça. Defendera uma visão eduardiana (reinado de Eduardo VII), com um toque das encenações wagnerianas (na peça, Higgins e o Coronel encontravam Eliza à saída de uma representação de Wagner), sustentando teoricamente a opção pelo facto de Bernard Shaw ter sido dos primeiros críticos ingleses a defender apaixonadamente Wagner. Cukor nunca

gostou nada disso. Mais tarde, disse: *"Nunca gostei de Beaton. Para mim, é a única nota destoante no filme. Particularmente, acho errado o fato que Audrey Hepburn usa na sequência do 'The Rain in Spain' que devia ser apenas 'clean' mas não 'chic', qualquer coisa que Mrs Pearce tivesse arranjado na loja da esquina, o que acentuaria o lado cómico da situação. E detesto o fato que ele lhe fez para as corridas. Devia ser um fato que a esmagasse, em que ela não se sentisse à vontade, e não aquele vestido a sublinhar-lhe um elegância que ainda não devia existir. Beaton, com aquele vestido, estragou a progressão dramática da cena e fez-lhe perder, outra vez, o lado cómico. Não é verosímil que alguém, tão à vontade naquele vestido, diga depois (para o cavalo) 'Mex-me esse cu' (o célebre 'move your blooming ass')".*

Se sublinho este aspecto, é porque, nas reticências postas por alguns dos mais fervorosos "cukorianos" a este filme, se tem acentuado muito o lado decorativo do filme, em que, dizem, o excesso de bonito prejudica o belo. Se isso aconteceu uma ou outra vez (e a sequência de Ascot é um exemplo) vem de Beaton e não de Cukor. Mas, pessoalmente, em nada diminui o meu entusiasmo por esta obra admirável, até porque (compreendendo, embora, as razões de Cukor) acentua no filme o lado teatral, que, desde o genérico, está presente, com o "leit-motiv" das flores.

O que sempre foi mais específico no universo cinematográfico de Cukor foi a transposição (genial) da ilusão teatral na ilusão cinematográfica. Estamos sempre no lugar da ilusão, na floresta de enganos. Ora, em **My Fair Lady** (resumidamente, variação sobre o tema da gata borralheira) essa dimensão é fundamental. É porque tudo no cinema é mágico que é possível transformar Audrey Hepburn (que Cukor dirige inultrapassavelmente) de florista da praça em "fair lady". E sobre todas as outras imagens, a que prevalece é mesmo, pela varinha de condão do realizador, a da "fair lady", naquele plano sublime que nos dá a vê-la a subir a escada, no baile da Embaixada (e aí seja prestada a devida vénia ao fato desenhado por Beaton).

Todo este filme é mágico, desde as flores do genérico ou do décor da praça às sequências-chaves da entrada de Audrey Hepburn em casa de Higgins, do "The Rain in Spain", da festa, ou do regresso do baile. Mas para quê distinguir? Tudo neste filme me parece perfeito. Vi-o não sei quantas vezes, nestes 44 anos, e de cada vez só me apetece repetir, dirigido a Cukor, o prodigioso "Bravo Eliza" de Gladys Cooper, no final.

E a ambiguidade da peça é restituída no fabuloso final, com Rex Harrison a berrar *"Where the devil are my slippers?"*. Quem perdeu o sapatinho em **My Fair Lady**? Cinderella ou Pigmalião?

JOÃO BÉNARD DA COSTA